



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GRUPO DE ESTUDO VIVENCIAL DE GÊNERO NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Edson de Souza Lima; Raissa Rodrigues Falcão, Aurení Braz de Oliveira; Karina de Oliveira Xavier; Prof. Orientadora Silvana do Rosário Menino da Costa

Faculdade Estácio do Recife – edsonlima88@yahoo.com.br

Resumo: A educação semelhante as demais as áreas do conhecimento, possui um papel fundamental na formação de profissionais; possibilitando a construção de um novo olhar, habilidades e respeito à alteridade. Esta, sobretudo, fomenta-se por discussões e construções de formas de atuação, ora críticas, ora reprodutoras de (pre)conceitos na sociedade. A violência institucional de gênero, por sua vez, engloba o capital humano com ações e atitudes desiguais para os gêneros feminino e masculino, principalmente quando amplia a desigualdade do segundo em detrimento do primeiro. Com o propósito de refletir sobre as questões de gênero a partir da (re)construção de intervenções no ambiente universitário, surgiu o nosso grupo de estudos e vivencial de gênero. Dentro desta perspectiva, o presente trabalho visará apresentar um relato de experiência das atividades e vivências experienciadas pelos membros do grupo, estudantes e professoras da Faculdade Estácio do Recife-PE¹. Nesse processo, observamos o enfrentamento das violências ao gênero feminino por meio da problematização das representações sociais das mulheres, no que concerne as vestimentas, a objetificação de seus corpos, ao machismo, entre outros. Por fim, destacamos o relato de estudantes que foram surpreendidos com a metodologia empregada na apresentação no grupo de gênero, cujo intuito era a promoção de um novo olhar sob essas questões com a harmonia, se utilizando de analogias para entender a violência sofrida pelas mulheres cotidianamente em diversos espaços públicos e privados, além da valorização dessa discussão para o ambiente acadêmico, onde formamos profissionais para o trabalho de enfrentamento às violências de gênero.

Palavras-chave: Gênero,; Psicologia; Educação, Trabalho com grupos, Violências.

Introdução:

A discussão dos estudos de gênero pode representar um avanço significativo na quebra da dicotomia entre feminino e masculino, visto que amplia o diálogo e entendimento das desigualdades históricas e sociais construídas em torno do tema. No final do século XIX até os dias atuais, o movimento social feminista, ou os feminismos, inicia e fortalece ações de visibilidade e luta pelos direitos

sociais e políticos. As estratégias utilizadas englobam construção de revistas, promoção de eventos, núcleos de estudos na educação básica e ensino superior, além dos grupos organizados, com propostas desde integrar a mulher no mundo social até subverter os paradigmas teóricos em vigência, com isso repercutindo em pesquisas nas áreas de História, Literatura e Psicologia da Mulher (LOURO, 2014).

¹Participantes: Adriano Correia da Silva, Aurení Braz de Oliveira, Diogo Evangelista, Edson Lima, Elisângela Fabrício Gomes dos Santos, Ericka Patrícia Barros de Oliveira Santos, Maria de Fatima C. Pereira Silva, Fernanda Ferreira de Andrade, Isaac Andres Martines Palma, Jéssica Cristina Cavalcanti de Oliveira, Karina de Oliveira Xavier, Priscila Carla Gonzaga da Silva, Rhaldney Ferreira de Lima, Renildo J. de Sá Antunes Junior, Simone Karlla Silva Leite de Oliveira. Professoras: Raissa Rodrigues Falcão, Rebeqa Gomes da Silva, Silvana do Rosário Menino da Costa e Walfrido Nunes.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesse sentido, o Grupo de Estudo Vivencial de Gênero da Faculdade Estácio do Recife foi construído em novembro de 2015 e baseado numa perspectiva epistemológica feminista (HARAWAY, 1995) num modelo de trabalho com grupos (ADRIÃO, 2014).

Em seu bojo, o grupo tem buscado tencionar as questões de gênero dentro do espaço universitário, por meio da leitura e debate dos escritos feministas, bem como, via vivências grupais.

Diante disto, o presente trabalho busca explicitar os relatos de experiência dos estudantes do referido grupo com influência das leituras e práticas vivenciais elaboradas pelo coletivo e desencadeadas no ensino superior.

No inverso da concepção tradicional de que “a ordem dos sexos determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar do masculino pelo viés da subordinação psicológica e cultural” (BORILLO, 2010, p.30), o grupo percebe a necessidade de desconstruir essa desigualdade com discussões, vivências de gênero e sexualidades para formar profissionais críticos e capazes de discernir os enquadramentos políticos e sociais, desenvolvidos pelo Estado e Sociedade Civil. Nessa perspectiva, o discurso midiático representa o jogo dos poderes na questão de gênero subsidiados pelo pensamento e concepções tradicionais, por exemplo, a definição de um tipo padrão de família constituído de pai, mãe e filhas e filhos. Contudo, as configurações atuais de família requerem críticas à heteronormatividade, ou seja, a ampliação do entendimento de que as famílias são construídas por pessoas, independente do sexo e orientação sexual, interligadas afetivamente, seja de forma individual e em grupo de duas ou mais, com a composição de filhas/os ou não.

Além disso, a desconstrução de preconceitos dentro do ambiente acadêmico representa um desafio histórico de equilibrar os papéis de homens e mulheres no desenvolvimento de conhecimentos, independente da área estudada. Por séculos de educação, a mulher foi destinada a ocupar lugares e funções ligadas ao cuidado do ser humano, seja principalmente como professora, seja nos cursos de enfermagem, serviço social, medicina, na especialidade de pediatria, e afins. Por outro lado, após o início das lutas e conquistas do movimento feminista, as mulheres conseguiram galgar novos lugares, ocupando cargos elevados dentro do mundo empresarial, em funções nos mais variados campos do saber, sobretudo com a especificação de empenho e dedicação. Dessa forma, os lugares de presença e atuação das mulheres divergem da imposição de milênios na submissão ao “lar” e afazeres de casa, o que não implica em dizer o afastamento global desse espaço, visto que as jornadas de esforço não finalizam ao chegar em casa, o que representa, muitas vezes, “o terceiro ou quarto turno”, especialmente quando ocorre a ocupação do ensino superior no período da noite, após o trabalho formal.

De acordo com Simone de Beauvoir (1980, p.9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, logo a mulher, constrói aos poucos pela convivência social suas apropriações do universo feminino, o gênero é incorporado em suas práticas sociais e não leia-se inferioridade disso, visto que o discurso do senso comum, em geral, enfatiza a submissão por tratar da desigualdade pela mulher, portanto, construção de diálogos no grupo de gênero para entender o feminino ideológico das representações sociais. As mulheres indicadas no cotidiano pelo uso de vestimentas curtas das mulheres, o direito da mulher usar seu corpo sem autorização de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nenhum homem ou nenhuma outra mulher, independente da relação afetiva construída.

Metodologia: No segundo semestre do ano de 2015, após o término do processo de seleção dos participantes, formou-se o grupo de Gênero da Faculdade Estácio do Recife-PE. O nosso interesse foi o de responder às necessidades locais da Faculdade Estácio do Recife-PE na promoção de atuações sociais e políticas no que concerne a temática de gênero. As questões sociais foram problematizadas com um grupo selecionado de alunos/as que se mostrou sensível às diversas experiências de exclusão, que pessoas homoafetivas e transexuais estavam vivenciando no ambiente universitário.

Além disso, havia uma demanda da coordenação, do curso de Psicologia, em recrutar auxiliares de pesquisa para tratarmos da temática do “bullying homofóbico” a partir de um Projeto de Pesquisa que se encontra em fase de desenvolvimento. Assim, esta pesquisa, no momento, encontra-se ligada ao Grupo de Estudo Vivencial de Gênero.

Relativizando a ideia de “Verdade”, a ideia do grupo é abandonar a neutralidade, a objetividade positivista e a totalização dos saberes. Assim, não dicotomizar a relação sujeito e objeto significou investir na qualidade desses (des)encontros, pois isso possibilitou “inter-vires”, “inter-devires” (FALCÃO, 2015, *no prelo*); ou seja, deslocamentos subjetivos, movimentos coletivos de “inter-invenções”, como já afirmou Juliana Perucchi (2014). A ideia foi inventarmos juntos, professoras e estudantes, os caminhos e as ações que co-produziram mudanças, conflitos, reflexões críticas dos dois lados: tanto docente, quanto discente.

Ou seja, tal forma de trabalho sustenta as diferenças de classe, gênero, raça entre as/os interlocutoras/es da comunidade e da equipe universitária, com o esforço de não convertê-las em desigualdades. Isso significou buscarmos

facilitar um processo de participação no qual o poder circulasse, assim como a possibilidade de fala entre as pessoas do grupo: tais diferenças não deveriam ser ocultadas, pois só assim os encontros poderiam proporcionar vivências de fato transformadoras, como recomenda Adrião (2014). Dessa forma, as relações de poder foram problematizadas dentro de relações micro e macropolíticas, intragrupo e intergrupo, ou seja, entre professoras e estudantes; entre as/os estudantes entre si, entre nós e nossos (não) lugares no mundo (FALCÃO, 2015, *no prelo*).

Assim, o grupo deu início as suas atividades com leituras de textos referentes ao universo de gênero e sexualidade. Já no primeiro encontro as professoras orientadoras do grupo introduziram, antes de qualquer leitura, técnicas de dinâmicas de grupo (ARTPAD, 2001), cujo objetivo é demonstrar uma forma diferente de reflexão, além de promover o desejo do que denominaram de Intervenção, o termo que no sentido etimológico significa debate, ou prática de intervir. O grupo vem desenvolvendo-se sob a lógica de uma nova Inter-invenção, suscitada nas discussões do grupo, após leitura e reflexões referentes ao tema; o que a princípio era incomum, pois não ia de acordo com a realidade dos tradicionais grupos de estudos, e assim, acabou tornando-se uma prática fazendo parte do cotidiano de leitura e vivências. Durante este período, discorreremos sobre alguns desses textos: “Encrenca de Gênero nas teorizações em psicologia”, de autoria Sandra Azeredo(2010); “Perspectivas feministas e o processo de pesquisa-intervenção-pesquisa com grupos: interfaces possíveis”, Karla Galvão Adrião(2008); “Estudos de gênero na psicologia Brasileira-perspectiva e atuações da terceira geração”, Adriano Beiras, Adriano Henrique Nuremberg, Karla Adrião(2012); “O tráfico de Mulheres: Notas Sobre A Economia Política do Sexo”, de Gayle Rubin(2008).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Também houve sugestão de filmes sob esta mesma ótica como: O Segredo de Brokeback Mountain, Tom Boy, Orações para Bobby, entre outros.

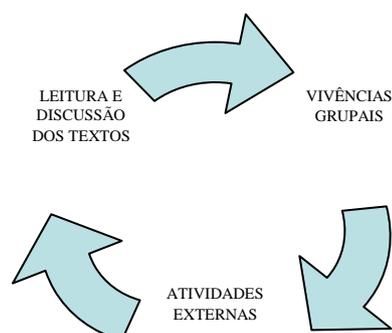
Com o advento da I Mostra de Direitos Humanos da Faculdade Estácio do Recife-PE e o Dia Internacional da mulher, o grupo de Gênero foi convidado a realizar algumas vivências dentro das respectivas atividades. Neste contexto, o grupo pactuou promover o debate e a conscientização sobre o papel da mulher na sociedade. Intitulada “A Invasão”, a vivência, proposta pelo grupo, buscou invadir as salas de aulas, acordando com os/as professores/as previamente, com as lâmpadas apagadas e sem que os alunos soubessem, e realizar por meio do diálogo uma analogia ao corpo feminino, mediante as situações vivenciadas pelas mulheres em seu dia-a-dia, em especial as violações nos comentários sobre suas vestimentas, maneira de se portar e cantadas recebidas. Proporcionando aos/as alunos/as um momento reflexivo e diálogo de como as mulheres se sentem literalmente invadidas por atitudes machistas dos homens e outras mulheres.

Ainda durante esta semana, realizamos atividades no auditório da Estácio, elaboramos um jogral, assentado num viés feminista e na arte, com uso da dança. Esta atividade visou a sensibilização da plateia sobre o ser Mulher. As atividades em relação ao dia Internacional da Mulher se estenderam com apresentações teatrais nos corredores e no estacionamento da Estácio. Nessa ocasião os relacionamentos amorosos foram retratados em certas situações, por meio de performances teatrais pelos membros do grupo de gênero. O roteiro da encenação contemplava uma briga de casal, em que a mulher sofre violência de gênero, mas na cena é enxergada como a provocante da confusão, devido aos trajes que usava e a forma de se comportar em público. Foram observados os

olhares e comentários machistas na reação dos espectadores, bem como atitudes contrárias ao defender a mulher, enfatizando que esse tipo de comportamento estava presente tanto em homens como em mulheres.

Outra vertente de atuação do grupo é a realização de pesquisas, apresentação de trabalhos em congressos e publicação de artigos. Atualmente, o grupo está concentrando nas leituras dos textos, experiência das vivências de grupo, na produção de trabalhos para congressos e na pesquisa sobre o bullying homofóbico, cuja orientação será realizada pelas/os professoras/es, e os/as alunos/as atuarão como auxiliares, no trabalho de identificação desse tipo de violência nas escolas públicas da cidade do Recife-PE. Outros estudantes pertencentes ao grupo também estão inseridos em outras pesquisas, dentro do espaço acadêmico, na tentativa de fortalecer a discussão de gênero na academia. Além disso, há o incentivo das professoras orientadoras do grupo para que todas/os estudantes através de suas afinidades possam ir buscando outros espaços, tais como: a comunidade, práticas em espaços públicos, entre outros, afim de fortalecer, pesquisar e buscar novos conhecimentos em relação as temáticas de gênero e sexualidades.

Resultados e Discussão: A partir das vivências no grupo de gênero da Faculdade Estácio do Recife-PE, podemos entender graficamente a seguinte organização:



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



Gráfico 1: Esquema Gráfico do Grupo de gênero

Com os estudos e vivências dos grupos percebemos um ciclo de ações que compõem a metodologia de funcionamento explicitado no gráfico acima. As leituras e discussões dos textos geram base para fortalecer o discurso dentro e fora do grupo, concomitantemente, as vivências grupais fomentam experimentações relevantes na temática de gênero e sexualidades. Por fim, gera-se as atividades externas para dar visibilidade e práticas do grupo na desconstrução de paradigmas relacionado ao gênero feminino no ensino superior.

Assim, o trabalho *com* grupos vem sendo operacionalizado por meio de oficinas. O objetivo de intensificação da circulação de poder e deslocamentos é o que constitui conceitualmente a base das *oficinas*, uma vez que elas desmancham lugares geralmente cristalizados de quem “ensina” e quem “aprende”. A oficina é uma tecnologia relacional, ou seja, um operador tecnológico e/ou uma tecnologia de co-produção (PASSOS, 2012).

Nesse sentido, o trabalho *com* grupos parte de um pressuposto que surge a partir das demandas coletivas do grupo. Os movimentos de inter-vir e trabalhar *com* grupos se originam da interseccção entre tudo que circunscreve a relação entre pesquisador/a e/ou facilitador/a e o grupo. Ou seja, vem dos deslocamentos de processos inter-subjetivos: indo, voltando, mudando, devindo; das inter-ações entre os saberes acadêmicos e o saberes dos sujeitos envolvidas/os no grupo (FALCÃO, 2015, *no prelo*).

O trabalho *com* grupos pressupõe também que a/o facilitador/a seja considerada/o como membro do grupo, no entanto, ciente dos diferentes lugares circunscritos entre ele ou ela e as/os demais interlocutoras/es. A horizontalidade é o conceito que designa o

movimento em que a/o facilitador/a transita entre as posições de facilitador/a e participante do grupo, de acordo com sua sensibilidade para perceber os momentos em que deve assumir cada lugar, no sentido de guardar as devidas diferenças hierárquicas e evidenciar as desigualdades das relações poder (ADRIÃO, 2014).

Por fim, o grupo vivencial de gênero traduz a ideia de trabalhar com grupos explicitado acima pelas autoras e converge na busca de formar estudantes mais críticos das desigualdades de gênero experimentado pelas mulheres refletindo novas concepções de atuação profissional no ensino superior.

Conclusões: Cada sociedade constrói de forma diferenciada o seu entendimento sobre a identidade e os papéis de gênero. E isto se dá usando definimos o ser homem e o ser mulher, demarcando o espaço de cada um na teia social. Pensamos suas atribuições, atrelarmos as suas atividades ao comportamento que são esperados de cada um dos sexos. A academia é um desses espaços de socialização, onde ocorre a transmissão dos padrões de sociabilidade, a construção de regras de comportamento, valores, parâmetros morais, éticos e culturais que embalam concepções de gênero e sexualidade. Neste cenário, a psicologia tem um papel fundamental na desconstrução destes marcadores rígidos do gênero, que por sua vez, lastream a dominação de um grupo sobre o outro, gerando sofrimento e desigualdades. A psicologia, enquanto ciência e profissão, pode contribuir para a desestabilização destes paradigmas, à medida que compreende a subjetividade e o indivíduos como processuais e históricos; arraigados à sociedade e cultura nos quais estão inseridos. Para Albernaz e Longhi (2009), transformar as relações de gênero é algo que vai muito além do que juntar homens e mulheres nos trabalhos, ou dar o mesmo presente aos mesmos. Não é só



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma mudança racional, pois estas construções atingem outras dimensões da vida, tais como: as emoções, as relações afetivas; além de incidir nas estruturas institucionais. Neste sentido, a academia também ocupa um lugar diferenciado na construção, reconstrução ou reprodução das relações sociais de gênero vigentes, pois possibilita que em grupo, os indivíduos deem continuidade ou resinifiquem as normas, valores correntes, possibilitando novas interações, diálogos e troca de conhecimento. Este tem sido um dos objetivos do nosso grupo de estudos-vivencial de gênero: propiciar aos seus integrantes, e as pessoas que direta ou indiretamente são afetadas pelas atividades do mesmo, dar uma nova roupagem as questões de gênero, diminuindo, assim, as desigualdades e injustiças produzidas pela sua polarização e estigma.

Referências

ADRIÃO, Karla Galvão. Perspectivas feministas na interface com o processo de pesquisa: intervenção-pesquisa com grupos no campo. **Psi. labrys, études féministes/estudos feministas**, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys26/psy/KARLA.htm>>. Acesso: 20 dez. 2014.

BORRILLO, Danilo. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DE BEAUVIOR, Simone. **O segundo sexo**. V.2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980[1949].

FALCÃO, Raissa Rodrigues. **“Isso é doença ou é safadeza?”: sentidos sobre o incesto em um grupo de diálogos com jovens da Região Metropolitana do Recife-PE**. 2015. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

PASSOS, Eduardo. A oficina como tecnologia de coprodução. *In*: PALOMBINI, Analice de Lima; MARASCHION, Cleci; MOSCHEN, Simone (orgs.). **Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 167-172.

PERUCCHI, Juliana. Palestra proferida no evento I Internúcleos Pesquisa-Intervenção em Psicologia . Ago de 2014.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br